

Olá, sou Rita Berlofa dirigente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Brasil, filiado à Contraf e à CUT. Quero saudar a todos os trabalhadores presentes e também àqueles que, por algum motivo, não puderam estar aqui. Quero acima de tudo agradecer o convite e dizer que falar para este plenário muito me honra. Tentarei contribuir para a organização internacional dos trabalhadores, contando a vocês como os movimentos sociais mudaram o Brasil.

No Brasil, entre 1964 e 1989 vivíamos uma ditadura militar que reprimia as manifestações dos trabalhadores e da oposição.

Muitos foram presos, torturados, assassinados. Não tínhamos liberdade. Os trabalhadores e as pessoas tinham medo de falar, de participar, de se expor.

Muitas pessoas nos perguntam como conseguimos sair dessa ditadura e, em menos de 30 anos, atrair atenção mundial

pelo crescimento econômico, pela política energética e regime de pleno emprego e renda, pelas políticas ousadas no combate à miséria – que permitiu a mais de 40 milhões de brasileiros que viviam abaixo da linha de pobreza terem renda, emprego, acesso à educação e saúde –, políticas de combate ao racismo e inclusão educacional para todos.

Quais fatores nos levaram a isso? De 1964 a 1985, lutamos contra o regime militar, por eleições e democracia. Nesse período unificamos muitas lutas, o que permitiu a todos os movimentos se organizarem, desde os estudantes até os trabalhadores do campo e da cidade. A igreja católica progressista teve papel importante nesse período.

Em 1978, o migrante nordestino Lula, que quando criança trabalhou como engraxate e mais tarde metalúrgico, virou líder sindical. Lula se atreveu a organizar uma grande greve

de metalúrgicos, enfrentando os militares, algo impensável para a época.

A ousadia da greve e a coragem dos trabalhadores inspiraram sindicalistas, intelectuais, políticos, representantes dos movimentos sociais, a discutir a necessidade de um movimento dos trabalhadores para os trabalhadores.

Um movimento que permitisse aos trabalhadores tomar decisões na vida política e social do país, para transformá-la. Esse movimento nasceu da vontade dos trabalhadores por liberdade. Esse movimento é o PT – o partido dos trabalhadores.

Não podíamos aceitar a idéia de que o Congresso, como espelho da nossa sociedade, não contasse um trabalhador. Iniciamos nossa luta para eleger trabalhadores em todas as esferas de poder. Lula foi eleito deputado federal e, como ele, elegemos e continuamos a eleger trabalhadores que defendam nossas

bandeiras.

Mas, para a transformação social que queríamos, precisávamos de mais. Começamos então a discutir a unidade dos sindicatos em uma grande central. Em 1983 criamos a CUT – Central Única dos Trabalhadores, que nasceu com princípios de liberdade e autonomia sindical, independente de governo, estado, partido político ou agrupamentos políticos. A CUT não é uma central sindical preocupada apenas com a luta de classes. Ela abriga todas as lutas sociais, a luta das mulheres, dos negros, jovens, enfim todos.

Em 1989 tivemos a primeira eleição direta para presidente, desde a ditadura. Com isso, nosso movimento foi obrigado a repensar nossas lutas.

O trabalhador não é só o operário, ele é também cidadão. Além do salário, do emprego e das condições de trabalho, quer melhorias na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, no estado e no

país. Ele quer educação, saúde e lazer. Surge então o sindicato cidadão que pensa o trabalhador como um ser integrado à sociedade.

Em 2002 conseguimos eleger como nosso presidente um trabalhador metalúrgico, líder sindical. O nome dele é Lula. Lula deixou claro aos movimentos sociais que havíamos elegido o presidente, mas não havíamos feito a revolução. Portanto, havia necessidade de os movimentos sociais fazerem apoio crítico indo às ruas, protestando, levando a bandeira de luta dos trabalhadores, como por exemplo, a valorização do salário mínimo.

Diante da crise de 2008, Lula – contrariando o que os demais países fizeram e fazem com o corte de benefícios e gastos públicos – incentivou o consumo e aumentou os investimentos federais para gerar emprego e renda. Hoje, temos nossa presidenta Dilma Rouseff. A primeira mulher a ser presidente da República do meu país, foi prisioneira política

e torturada durante a ditadura. Ela está atacando os juros bancários e mantendo as políticas do governo Lula, ampliando-as com o objetivo de aumentar o consumo, melhorias sociais, geração de emprego e renda.

Durante esse período aprendemos que a luta é que faz a diferença. Por isso, companheiros, acreditamos que é possível mudar. Apesar das dificuldades, somos 99% contra 1%. Nós temos a força. Precisamos trabalhar junto a todos os movimentos sociais, atuar nas comunidades, junto aos líderes comunitários, à igreja, aos movimentos de direitos humanos, dos afro-descendentes, dos imigrantes.

Precisamos trabalhar junto aos demais sindicatos, unir os trabalhadores dos diferentes setores. Precisamos ampliar nossa luta para além da luta de classes, pensar o trabalhador como um cidadão.

Se nós conseguimos, vocês também conseguirão. Vamos trabalhar juntos, vamos fazer movimentos solidários nacional e

internacionalmente. Podemos compartilhar nossa experiência para ajudar a organizar os trabalhadores dos mais diversos setores como, por exemplo, os bancários e os metalúrgicos. Vamos lutar juntos, vamos ocupar as ruas, vamos ocupar o Congresso. Vamos lutar pelos 99%, vamos transformar essa sociedade, porque um outro mundo é possível.

Para encerrar, gostaria de lhes deixar um poema de um grande músico brasileiro que se chama Raul Seixas.

SONHO QUE SE SONHA SÓ, É SÓ UM
SONHO QUE SE SONHA SÓ, MAS SONHO
QUE SE SONHA JUNTO É REALIDADE.
VAMOS SONHAR JUNTOS!
SI SE PUEDE!
Yes we can!